

CLASS. *Luiz Miguel*
Luciano

O HOMEM LIVRE

S. Paulo, 24 Fevereiro de 1934

Redactor chefe:
GERALDO FERRAZ

ASSIGNATURAS
Ano 20\$000
Semestre 10\$000
Numero avulso \$200
RUA DO CARMO, 11
1.º andar

NUM. 22 ANO I

25 e 26 de Janeiro Coerência na deserção

Um exame mesmo superficial dos acontecimentos mais importantes do movimento antifascista em São Paulo, a começar dos melados de 1933 até hoje, mostra que estão ligados indissolublemente e em todas as ocasiões, à política de frente única. 14 de julho, 14 de novembro, 15 de dezembro de 1933 e, finalmente, 25 e 26 de janeiro de 1934 confirmam à sociedade essa afirmação. E, diante da ausência de qualquer movimento antifascista sério fora dessa condição é necessário tirar a conclusão — já aliás confirmada internacionalmente — de que, nas atuais relações de força entre as massas exploradas, interessadas no desaparecimento do fascismo, e as camadas exploradoras, interessadas na sua implantação, existe apenas um meio eficaz: a política de frente única.

Exactamente por aparecerem diante da massa trabalhadora em frente única, as organizações antifascistas de São Paulo, a começar das que formam a direita desse movimento até à extrema esquerda, assim como vários sindicatos operários, e jornais proletários, conseguiram arrastar para o Largo da Concordia, no dia 25 de janeiro p. p., uma massa que, há muito tempo, não acorria a reuniões dessa natureza. (Nos manifestos em que o Partido Comunista e o Comité Anti-Guerreiro declararam a sua deserção da luta de frente única contra o fascismo, afirma-se que o comício foi convocado por essas duas organizações. Essa gabolice nem merece reparo, a não ser para a constatação do grau de incompreensão dos fundamentos da política de frente única). Como não tivesse emanado nenhuma proibição por parte da Chefatura de Polícia, os antifascistas que se reuniram na praça da Concordia extranharam encontrar o local militarmente ocupado pela cavalaria da Força Pública. Acrescenta-se que, sendo o dia 25 de janeiro data da fundação de São Paulo esperava-se que fosse permitida a realização do comício uma vez que, outras organizações se haviam manifestado publicamente, embora o comício não tivesse o mesmo carácter comemorativo. Os cavalariáneos impediam todo agrupamento, carregando a massa com brutalidade. Em vista disso, alguns dirigentes do Partido Socialista, o cel. Cabanas, o sr. Carmelo S. Crispim, secretário, e o sr. Belfort de Matos dirigiram-se à sede da Região Militar a fim de pedir garantias para a realização do comício.

A pesar das violências dos policiais e das provocações dos cavalariáneos, a massa não abandonou o local da reunião. Essa demonstração de confiança é ainda um resultado da política de frente única, pois se examinarmos os comícios convocados por organizações separadas, constatamos que foram muito menos concorridos e muito mais rapidamente dissolvidos. Os membros do Partido Socialista que se haviam dirigido à Região Militar ainda não haviam regressado quando um aderente do P. C. tentou abrir o comício, no que foi impedido pelos policiais.

Chegando à praça, frente à Estação do Norte, o sr. Carmelo S. Crispim e cel. Cabanas dirigiram-se

ao povo explicando que "o comício que o Partido Socialista convocara para comemorar proletariamente a fundação de São Paulo, obra do esforço de milhares de trabalhadores de todas as nacionalidades e não do arrogante grupo de "bandeirantes" que usurpou essa glória em benefício próprio", não podia ser realizado em virtude da proibição da polícia, e que, por isso, convidava o povo a retirar-se". A responsabilidade dessa atitude cabe inteiramente ao Partido Socialista e mesmo nenhuma outra organização, participou da comissão que se dirigiu ao Quartel General.

No entanto, é preciso considerar que a atitude do P. S., embora tão errada quanto a do P. C., ao declarar que o comício fôra convocado por ele não constituía motivo de rompimento da frente única. Ficara estabelecido, na reunião preparatória que precedeu o comício, que todas as organizações aderentes tinham a liberdade de manifestar os seus princípios políticos, uma vez que respeitassem a própria razão de ser da frente única, que era a de combater o fascismo.

Durante os breves discursos de Carmelo Crispim, Cabanas e Mário Pedrosa, a cavalaria e os policiais intensificaram as suas correrias, procurando mesmo provocar a massa. Tentava-se já de formar uma passeata quando alguns membros do P. C. e C. A. G. desfaldaram uma bandeira vermelha, provocando uma imediata reação da polícia. Estabeleceu-se cerrado tiroteio que redundou na dissolução do comício. É preciso fazer um reparo quanto a atitude de certos membros do P. C. logo após o tiroteio, os quais, sabendo que nenhum dos presentes trazia armas consigo, procuraram por todos os meios enfrentar "de peito aberto" os policiais. Custa-nos classificar essa atitude de quixotesca, mas somos obrigados a fazê-lo, mesmo contra vontade. Alguns declararam, no local, querer morrer em benefício do antifascismo. Essa vontade de morrer inútilmente não adianta para o desenvolvimento da luta das classes oprimidas contra as opressoras. O proletário que tomba nas barricadas da revolução, cãe da arma na mão, e o seu partido, só de.

(Continúa na 4.ª pagina).

Depois da experiência trágica da Alemanha a política de frente-única contra o fascismo não pôde ser mais objeto de polémica. Diante de trabalhadores ainda não esclarecidos basta a simples narrativa dos acontecimentos. Mais diante dos que, pensando combater o fascismo, persistem nas "teorias" que levaram a uma derrota ingloria o proletariado alemão, é inútil agora qualquer esforço de persuasão. Os que não quiseram ou não conseguiram tirar as lições preciosas ainda que tardias da vitória hitlerista, podem ser considerados perdidos para a causa da emancipação dos oprimidos: trata-se, ou de infelizes oportunistas destituídos de qualquer visão política, isso na melhor das hipóteses, ou então de traidores conscientes do movimento operário. As palavras de "frente-única", de "unidade de ação", fazem-se ouvir com força cada vez maior, com vigor redobrado. Foi a sua cadência poderosa que a maioria dos trabalhadores franceses marchou nas ho-

ras memoráveis de sua greve, e é na realização dessas mesmas palavras de ordem que está a única garantia da inviolabilidade dos direitos conquistados em luta secular pelos heróicos descendentes do "communards". Na Austria, a resistência dos socialistas, que emocionou tão fortemente o mundo, é mais um desmentido que os fatos opõem à teoria dos que hoje combatem a política de frente-única, ou seja a teoria do "social-fascismo", que identifica politicamente fascistas e socialistas. Essa teoria, como se sabe, é o fator mais imediato da subida do "fuhrer" ao poder.

Fazemos estes comentários a propósito dos manifestos recentemente publicados pelo "Comité Anti-Guerreiro" e pelo P. C. (Stalinista), com os quais essas organizações rompem com a Frente Única Antifascista fundada em S. Paulo. Essas duas organizações não aderiram à F. U. A., quando do seu aparecimento em meio do ano passado. Alguns meses mais tarde, o "Comité Anti-Guerreiro", numa reviravolta inesperada, veio ao encontro da política de frente-única, que se reanimou com essa iniciativa. Não demorou, contudo, que os objetivos suspeitados de stalinistas e "anti-guerreiristas" se tornassem logo patentes. Eles sonhavam ampliar o raio de sua ação indesejável, levando para dentro da F. U. A. as suas teorias de capitulação, o seu anti-guerreirismo e o seu social-fascismo. Mas como um dos primeiros resultados da política de frente-única é um rápido esclarecimento no que concerne à tática de luta anti-fascista, expondo-se a uma crua evidencia os erros da política stalinizante, e desvanecendo-se logo as possibilidades da direção do movimento caber aos partidários dessa política, "anti-guerreiristas" e stalinistas voltaram apressadamente à posição anterior, cobrindo, na retirada, de injurias e calúnias os dirigentes de diversas organizações da Frente-Única, justamente no momento em que muitos deles, eram vítimas da mais brutal reação.

Os teóricos do social-fascismo voltam assim ao pântano sombrio de onde se arriscaram a sair e onde as fosforecências de seu revolucionarismo se mostram cada vez mais ténues e esquivas. Na luta contra o fascismo, na defesa das liberdades democráticas, que hoje só beneficiam os oprimidos em luta pela sua emancipação, não há lugar para os que passivamente acreditam em verdades reveladas, em dogmas erigidos à custa de falsificação e mentira. Persistir nos erros que levaram a catástrofe alemã não seria agora apenas uma capitulação, mas uma traição deliberada à causa das classes trabalhadoras que respondem perante a história pela sorte de toda a humanidade.

Perspectivas internacionais da luta contra o fascismo

Os últimos acontecimentos na França e na Austria marcam uma nova fase do movimento operário mundial. Desde o triunfo decisivo de suas lutas de Hitler que a ofensiva fascista continúa ininterrupta. A burguesia imperialista vai cada vez com maior nitidez percebendo a inevitabilidade da guerra civil implacável contra os últimos redutos do proletariado. Ela prepara febrilmente as suas últimas reservas fascistas. Do lado do campo proletário, com a derrota desmoralizante dos dois grandes partidos socialistas da Alemanha, a prostração era profunda.

A ausência completa, como fator político, ativo e progressista, da I. C. permitiu que os peores traidores da classe operária, os líderes mais desmoralizados da social-democracia, continuassem à frente das massas organizadas. Esta incapacidade política impediu que as massas trabalhadoras que ainda se arremetiam sob a bandeira do reformismo completassem a sua evolução política, tirando da derrota alemã e do triunfo fascista a lição verdadeira que deles se deduz: a falência dos processos democráticos na defesa dos direitos da classe operária e para a marcha "pacífica" ao socialismo.

A derrota alemã, pelo contrário, agravou as ilusões das massas na democracia burguesa. O naufrágio das organizações da classe operária alemã, trazidas pela avalanche fascista, despertou na consciência de milhões de operários da Europa e do mundo o zelo e a inquietação pela sorte de suas organizações e pela defesa dos direitos democráticos que ainda lhes restam.

Si o antagonismo decisivo, histó-

rico, que decorre necessariamente das condições objetivas de nossa época, da fase final do capitalismo imperialista em decadência, se resume no dilema — comunismo ou fascismo — esse antagonismo, no entanto, não se exprime na consciência da imensa maioria das massas trabalhadoras, sob esta fórmula definitiva: o antagonismo se exprime por um dilema muito mais empírico e insuficiente — o da democracia ou fascismo.

Esta insuficiência na expressão do antagonismo histórico, fundamental de nossa época, como vimos, se deve principalmente à incapacidade já hoje irremediável da Terceira Internacional em desempenhar o seu papel histórico de atrair, por uma política justa, as massas reformistas para a bandeira da Revolução Proletária. É por isso que a luta contra o fascismo tende cada vez mais a tomar a forma, na consciência do operariado mundial, de uma luta de defesa das conquistas democráticas existentes ou ainda sobreviventes, em vez de tomar a sua forma acabada — a forma revolucionária da necessidade da tomada do poder pelo proletariado para instaurar a sua ditadura.

Os grandes acontecimentos surgidos ainda agora na Europa são a confirmação mais luminosa dessas afirmações. Na França, ao golpe audacioso da canalha da direita, que chegou a derrubar um governo radical-socialista apoiado na maioria parlamentar, sucedeu a resposta das organizações de esquerda dirigidas pelo Partido Socialista, acompanhada da greve geral de protesto por 24 horas contra as ameaças fascistas, conduzida pela C. G. T. e o grande bonzo amarelo Jouhaux. A luta

pode decorrer, assim, dentro dos quadros da democracia burguesa. Sob a direção dos chefes social-democratas e dos burocratas sindicais, o proletariado foi convocado à ação e veio à rua, sob a bandeira da democracia burguesa, para defender as "liberdades públicas e republicanas" ameaçadas pelo fascismo.

Ainda a luta em França se encontrava no seu ponto culminante quando surgem os acontecimentos austriacos, tomando já as proporções formidáveis de uma insurreição. Apesar desse carácter insurreccional do movimento, em que o proletariado lutou com um heroísmo que encheu o mundo todo de uma admiração comovida, a batalha se travou na defensiva pelas conquistas realizadas dentro do âmbito da democracia formal. Foi em defesa de seu direito à existência como classe organizada que os operários pegaram em armas. O combate se travou sob a direção do Partido Social-democrata austriaco, Otto Bauer & Cia, puderam reter a marcha evolutiva da consciência revolucionária do proletariado austriaco até o último instante, quando a luta lhe foi imposto pela ofensiva fascista contra a "comuna socialista" de Viena. Aliás, pode-se procurar aí uma das primeiras causas da derrota: o carácter defensivo da luta. Os jornais burgueses, como sempre comprados e parciais, procuraram dar a versão de que o movimento irrompeu depois de uma preparação subterrânea e conspirativa, de súbito, como uma ofensiva contra o governo. A verdade é que foi justamente o contrário que se deu. O governo bonapartista de Dollfus, cedendo à pressão dos dois

(Continúa na 3.ª pagina).

Alguns aspectos da civilização burguesa

Oswaldo Chateaubriand, diretor do "Diário da Noite" e paladino dos métodos fascistas em terra brasileira — e, portanto, pessoa insuspeita — já declarou publicamente que o "reparto de assalto" da Delegacia da Ordem Política está constituído por elementos do famigerado "bando Jaguaribe", isto é, pela fina flor da malandragem bandeirante.

Agora, para aqueles que desconhecem as antecedenças dos "heróis" da tocaia da rua Barão de Paranapiacaba, é bom lembrar que o agente Cipriano Fraga — o "martir do dever" que atira friamente sobre os cidadãos que não rezam pela cartilha dos seus patrões, alardeia entre outros títulos de perfeito mantenedor da ordem — uma tentativa de assassinio consumada contra a sua infeliz companheira.

O policial conhecido pela alcunha de "Veneno", que auxiliou Fraga na brilhante operação da noite de 26 de janeiro, antes de ingressar na Delegacia da Ordem Política, tinha sido expulso da Guarda Civil pela sua pessima conduta.

Pelo que acabamos de relatar, infere-se que, para pertencer à briosa corporação do mantenedores da Ordem, é preciso ser desordeiro profissional ou, melhor ainda, experimentado capanga.

O ruidoso "caso" da família Prado do Amaral que, desde longo tempo, continúa no cartaz da crônica policial, constitui uma amostra eloquentíssima do grau de podridão moral que caracteriza a chamada "alta sociedade", orgulho e paradigma dessa civilização cristã e burguesa que Tristão de Ataíde e Plínio Piolin Salgado querem conservar a todo o transe.

Pela sede de dinheiro, um "doutor", esteio da política até ontem dominante, sequestra e esconde dentro de um armário a velha mãe, apressando-lhe assim a morte, e, no entretanto, com o auxílio de "jornalistas" fascistas, arranja um falso atestado de óbito, da pobre coitada.

De outro lado, há uma senhora da "alta roda" que é acusada de ter transformado num inferno a vida do seu defunto marido e de ter segregado e martirizado pelo espaço de dois anos o próprio filho.

"LES FAMILLES BOURGEOISES CE SONT LES FAMILLES DES ATRIDES!" E Flaubert tinha razões de sobra para pensar e escrever essas palavras justicieras.

A conclusão dessa história toda é que, mau grado as acusações sustentadas pelos interessados e pela imprensa, tanto o dr. Mário como d. Paula Prado continuam a gozar os doces ares da liberdade, enquanto as cadeias estão abarrotadas de operários culpados de lutar pela conquista de um pedaço de pão.

A necessidade de esclarecer certos pontos duvidosos sobre a estada de Paulo Prado no "Abrigo Vicentino", levando a reportagem da imprensa ao Presídio do Paraíso, contribuiu duma vez a desvendar a lenda de que a Associação Vicentina seja uma organização humanitária que defende e ampara os desprotegidos da sorte.

A Associação Vicentina, filiação da Liga das Senhoras Católicas, ou de outra coisa que valha, é uma instituição imoral que deve ser dissolvida quanto antes, e cujo único escopo é a drenagem para as próprias burras das migalhas que os Epulões deixam cair das suas mesas.

Graças a essa exquisita instituição de caridade, a assistência social tornou-se, ao par da questão social, um problema de polícia.

Segundo a mentalidade dos nossos burgueses, o desempregado e o mendigo não passam de criminosos sociais. Então, cadeia nêles!

Paulo Prado do Amaral, pobre farrapo humano, inteligência apagada e carne martirizada, teceu durante meses a teia da sua dor entre a cadeia e a rua.

A Associação Vicentina, de vez em quando, dava ordens para soltá-lo, isto é, para ele ser jogado novamente nas garras da miséria.

Mas nunca providenciou no sentido de ser arranjada ao temporário mendigo uma ocupação qualquer, e nunca poz-lhe dez tostões na mão.

Eis a grande obra dos "Vicentinos": cadeia e rua, rua e cadeia!

Eles não sabem enxergar mais além. Não conhecem outros remédios aos males da humanidade, males que a própria sociedade engendrou.

A imprensa já disse em que consiste o "Inferno vicentino" da rua do Paraíso.

Os mendigos ali recolhidos são tratados como presos comuns.

Não podem comunicar com a família. Dormem amontoados, são e doentes, num barracão de madeira podre. As "camas" se reduzem a taboas sujas sobre um chão de cimento. A comida é intriga-

vel. Falta absoluta de higiene e de assistência médica.

Eis a verdade sobre essa tão falada obra de caridade de que São Paulo deveria orgulhar-se!

Falar em tapeação é usar de um eufemismo suave. Não: tudo isso é uma barbaridade, tudo isso é uma vergonha!

"Quod superest date pauperibus!"

Sim! Mas a burguesia católica e reacconária sopra duas coisas sómente: a cadeia e o chicote!

Outra instituição que saiu surrada do inquerito levado a efeito pela imprensa é a Corregedoria Federal confiada aos cuidados do Sr. J. Celidônio.

Nos últimos meses do ano passado, diante das violências e das arbitrariedades perpetradas pelas Delegacias da Ordem Política e Social, um grande número de Advogados do Foro de S. Paulo requereu ao Corregedor Federal uma correição sobre diversos fatos apontados e sobre as condições de vida impostas aos presos políticos nos vários presídios da Capital e no tristemente famoso da Ilha dos Porcos.

A Ilha não foi visitada. O encarregado da correição limitou-se a tomar um cafezinho no Gabinete de Investigações e a fazer uma passeata até a rua do Paraíso.

Ai achou tudo direito; o presídio merecia mesmo o nome que tinha.

O Sr. corregedor, si não fossem os deveres do ofício, teria ficado naquele lugar por uma estação de repouso.

E a Delegacia da Ordem Social a alardear o resultado da vistoria do Sr. Corregedor...

...o qual nada viu, porque no dia de se fazer a correição havia perdido os óculos.

(Continúa na 3.ª pag.)

Aos Antifacistas Italianos

Eu me dirijo aos raros antifacistas italianos e, em particular, aos que constituem o corpo redatorial de "La Difesa", que ainda guardam algumas ilusões a respeito de Antônio Piccarolo. Todos acompanharam, de certo, os meus escritos no "Diário da Noite" sobre a acusação feita a esse indivíduo pelo Dr. C. Reynolds Locke, advogado de Frola. Piccarolo se limita a dizer que "é mentira" e que "não tem tempo a perder". Ora, si não é bastante sintomática essa sua atitude, pelo menos havemos de convir que não é suficiente para dissipar as dúvidas dos que ainda não se convenceram de que Piccarolo não passa de um agente provocador nos meios socialistas e antifacistas.

Preliminarmente, eu devo declarar que nunca tive, como não tenho, qualquer motivo de ordem "pessoal" para atacar esse homem. Ele nunca me fez mal algum. Nenhuma das minhas prisões foi o resultado de sua atividade de intrigante e delator. Até antes da minha última prisão, eu não me recusava mesmo a manter conversação com ele, quando a mim se dirigia. Dentro da Frente Única Antifacista, choguei até a combater Frola e Cimatti pelo fato de não quererem lutar ao lado de "L'Italia" (hoje, "La Difesa") sob a alegação de aí se encontrar Piccarolo. Sempre expliquei que, contra o facismo, não se trata de fazer uma frente única "de amor", mas uma frente única "política", uma frente única "de luta": mesmo os maiores canalhas, e entre estes Piccarolo, poderiam como podem, a meu ver, ser companheiros eventuais na luta que sustentamos. Nem o fato de um meu camarada de idéas ter sido preso em consequência de uma delação pública de Piccarolo bastou para que eu passasse a pensar diferentemente. E' que se tratava aí de uma denúncia indireta feita publicamente, já demasiado suficiente para eu considerar Piccarolo um patife da peor espécie, mas ainda insuficiente para a sua expulsão definitiva do meio antifacista. Num dos últimos números do "Homem Livre", fazendo um apelo à frente única e visando o regresso de "L'Italia" (já então, "La Difesa") por ocasião da recomposição da F.

U. A., eu escrevi: "Não se trata de uma frente única "de amor" — ouviu bem, mestre Frola? — mas de uma frente única de combate".

Como vêem os companheiros antifacistas italianos, quando eu, continuando a sustentar os mesmos princípios e as mesmas idéias sobre a linha política do movimento antifacista, passo a ter, quanto a Piccarolo, uma atitude diametralmente oposta, achando que de fato não é mesmo possível qualquer espécie de ligação com esse repelente trapo humano, é porque devo possuir razões muito sérias para isso.

EU VOS AFIRMO, HOJE, COMO REVOLUCIONÁRIO E COMO HOMEM, QUE PICCAROLO É UM ESPÍLIO.

Não se trata de um canalha vulgar; não se trata de um impulsivo que perde, numa polémica, o senso da medida, chegando a se tornar causa da prisão de um companheiro de luta; não se trata apenas de um mau sujeito, invejoso e hipócrita, que pode ser aliado hoje para se tornar inimigo amanhã. Não! Piccarolo não pode ser aliado NUNCA. Piccarolo é, agora, como o foi no passado (já posso afirmar que também no passado) — UM AGENTE PROVOCADOR, UM POLICIAL IN-DIGNO E VIL.

Não foi Frola quem me disse. Não foi Cimatti quem me disse. Não foram os inimigos pessoais de Piccarolo que me disseram. Eu mesmo, com os meus olhos e com os meus ouvidos, pude verificar que o Dr. C. Reynolds Locke, advogado de Frola, se dirigiu a este dizendo que um "seu amigo", "um tal Piccarolo" falou a uma alta personalidade que Frola "é comunista" e se prontificou a prestar "contra Frola" todas as "informações" de que a polícia tivesse necessidade. O modo por que o Dr. Locke deu a informação e o fato desse advogado ignorar até a existência de Piccarolo, não me deixaram dúvidas quanto à procedência da informação, tanto mais quanto Piccarolo tem, e eu os conhecia antecedentes muito comprometedores.

O meu interesse em toda esta campanha é, única e exclusivamente, conseguir que, pelo repúdio de

A «sensibilidade cristã» do terceiro Reich

FRANKFORT -SOBRE-O-MENO.

21 (H.) — O serviço de imprensa local comunica que o padre católico recolhido à prisão de Hesse foi preso porque se entregou, por ocasião da execução de um comunista, a "excessos de linguagem inimagináveis". Acrescenta o comunicado: "E' assim que este eclesiástico não se lembrou de pedir para o comunista a clemência divina, mas procurou fazer crer que ele era um mártir como Cristo e podia vencer, serenamente, a última e dolorosa etapa de sua vida. Nesta prece suprema, o sacerdote procurou excitar, num assassino comunista, o odio contra a justiça humana. Comparar um assassino a Cristo é uma blasfêmia e uma falta de tacto. Não ha lugar para tal padre no terceiro Reich". O amor ao proximo, quando ele se dirige a assassinos comunistas, fêre as tendências de nossos compatriotas, de sensibilidade verdadeiramente cristã.

Depois da "arianização" de Jesus Cristo e do expurgo da Bíblia de todo o Velho Testamento pela "Igreja Nacional Alemã", o nazismo continua as suas incursões nos domínios teológicos.

Até aqui, o grande "furo" de propaganda da Igreja Católica era o consolo da alma pecadora "in extremis". Quem tivesse ao lado um padreco para ajudar-lhe a morrer, podia, com toda a probabilidade, alcançar,

ainda de contrabando, o seu lugar no céu. E a Igreja, com a tal "morte santa", ia fazendo as suas mistificações, como sejam inúmeras conversões in articulo mortis. Judeus, herejes, mussulmanos passavam, todos, antes de morrer pelo crivo do "conforto moral" da santa religião dos nossos pais e avós.

A padralhada exultava sobretudo no caso dos referidos confortos serem recusados pelos revolucionários condenados. Ora vejam só, diziam, a Igreja encomenda a alma desses trantantes à misericórdia divina, tão bem como a de qualquer punquista ou rufião.

Sem falar da ocasião que se lhe apresentava para forjar constantes patranhas sobre a morte de sábios, anarquistas, socialistas e comunistas que se chegavam a Deus no momento final.

Mas, na Alemanha nazista, as coisas mudaram de feição. Mais logicamente, aliás, o "fueherer" pensa que, si ao comunista a burguesia arranca o direito à vida terrena, não é demais que, para escarmento dos povos, se prive a Igreja Católica de recomendá-lo à munificência de Deus: escorraça-o da terra e do céu. Assim, prestou Hitler aos comunistas um pequeno serviço. Livra-os da chateação dos capelães...

A agressão contra o dr. Sussekind de Mendonça em Fortaleza

No dia 7 do corrente, numa das sessões plenárias do VI Congresso de Educação, reunido em Fortaleza, após uma conferência do Padre Helder Câmara, o dr. Ciro Vieira da Cunha, representante do Espírito Santo, propoz ao Congresso telegrafasse à Assembléa Constituinte solicitando a inclusão, na próxima constituição, da adoção do ensino religioso facultativo nas escolas. Contra essa proposta se manifestára, ato contínuo, o dr. Edgard Sussekind de Mendonça, por considerar desleal a atitude do sr. Ciro Cunha, uma vez que o regimento interno do Congresso, aprovado pela Associação Brasileira de Educação, proíbe expressamente manifestações coletivas de qualquer natureza.

Essa atitude provocou as iras dos racionários de todas as cores. Os católicos e integralistas começaram a atacar o dr. Sussekind por todos os meios. A campanha de calúnias, liderada pelo órgão papa-hostia "O Nordeste" alcançou a finalidade visada de agulhar os "militanos".

Dias depois, o sr. Sussekind pronunciou uma conferência na sede da Fenix Caixerai, durante a qual, referindo-se a Cristo, chamou-o, muito ósticamente, aliás, de "maior revolucionário de todos os tempos". Essa frase cordata e pouco revolucionária, teve no entanto um efeito explosivo. "O Nordeste" atacou ainda mais violentamente o destacado

membro do Congresso de Educação, taxando-o de "estrangeiro de alma e de nome", "mentalidade grosseira e maleducada", etc.

A nota do "Nordeste" influiu ainda mais sobre os ânimos inconciliáveis servidores dos batinas, até o ponto de organizarem uma agressão, que foi levada a efeito no dia 12, á maneira fascista, isto é, com mais de dez pessoas contra uma. Os católicos-integralistas usaram de cadeiras e outras armas improvisadas. Si não conseguiram o intento de infligir um "severo castigo" corporal ao congressista foi devido á intervenção de dois — só dois — operários que puzeram em fuga os agressores.

Em consequência desse atentado houve complicações que reverteram em mal-entendidos, originando-se um tiroteio cerrado entre a polícia e alguns populares que se achavam no local da agressão.

Os métodos do facismo estão bem caracterizados pelos fatos acima. Contra os elementos da vanguarda apenas liberal, o obscurantismo reacionário — seja da igreja como do integralismo, só sabe adotar um meio: a violência, que pode chegar até a eliminação física. Assim aconteceu em S. Paulo com o dr. Frola e o mesmo deu-se em Fortaleza com o dr. Sussekind de Mendonça. Ademais, o padre Câmara, que o jornal "O Século" dá como um adepto do Integralismo é coincidente nessas tentativas de assassinatos dos militantes liberais.

E' de ontem a agressão a mão armada mandada efetuar em Fortaleza contra uma reunião privada do Partido Socialista e que acabou com o ferimento a bala de um professor, membro desse Partido.

Também naquela ocasião estava esse bom cristão do Padre Câmara o qual, por sinal, foi ha tempos, um dos Pedros Eremitas da cruzada da Aliança Liberal.

Apontados ainda uma vez os métodos dos fascistas, só nos resta repetir ao proletariado a advertência que decorre desses fatos: contra o facismo, a legitima defesa é uma questão imperiosa e inadiável...

ARISTIDES LOBO.

CASA MILION

ALFAITARIA E
ROUPAS FEITAS

RUA STA. EPHIGENIA, 129

Guerra e Facismo

Há quem pense ou procure fazer crer que a luta contra o facismo deve estar ligada, obrigatoriamente, à luta contra a guerra. Vale a pena desmanchar essa ilusão.

Guerra e facismo são dois fenômenos inteiramente diversos e independentes, podendo existir em tempos diferentes e separadamente um do outro. Nem o facismo engendra a guerra, nem a guerra engendra o facismo, como se tem dito por aí. Como, então, colocar a questão? Como se apresenta ela na realidade, na dinâmica dos acontecimentos, e como deve ser encarada?

Na realidade, temos visto, no curso de toda a história, que tem havido guerras sem facismo e tem havido facismo sem guerras. A grande guerra de 1914-1918, por exemplo, não resultou de uma política facista, pois que nessa época nem mesmo em teoria existia o facismo. Por outro lado, a Itália facista, durante todo um período de doze anos, ainda não teve uma guerra.

Não servirá isso para mostrar, de um modo bastante claro, que os dois fenômenos, si bem que estreitamente ligados à existência do capitalismo, diferem como a água do vinho? É o que nos parece.

Que é, pois, a guerra, e que é o facismo?

A guerra é uma reação orgânica inevitável sob qualquer forma de dominação política da burguezia. Ela corresponde, mais diretamente, ao capitalismo como sistema econômico, como modo de produção. É uma continuação da política por meios violentos, no sentido em que essa política, democrática ou facista, é sempre a política do capitalismo. Em baixo, na infraestrutura econômica, os germes de guerra se desenvolvem e tomam corpo, independentemente da vontade da burguezia e mesmo contra essa vontade, independentemente, enfim, da forma de dominação política da burguezia. E, nesse sen-

tido, a guerra é uma continuação da economia, isto é, a forma mais elevada da concorrência capitalista. Não se pode combatê-la excluindo-a ou separando-a do combate ao sistema econômico único que a engendra, pois que não pode haver capitalismo sem guerra.

Já o facismo não é inerente ao desenvolvimento do capitalismo como modo de produção. Este pode desenvolver-se, como se desenvolveu até hoje, em pleno regime de democracia. Não se trata de uma reação orgânica inevitável, mas de um fenômeno que se passa em cima, na superestrutura política, na classe e não no seu modo de produção. O facismo surge quando a burguezia já esgotou todos os seus meios políticos normais de manter a ordem na sociedade. Não é uma convulsão econômica, mas uma retração política, isto é, a centralização mais absoluta do poder nas mãos da burguezia, mediante uma severa disciplina que esta impõe a si mesma e mediante, sobretudo, a destruição de todas as organizações do proletariado, a burguezia só recorre ao facismo quando o proletariado se torna, como classe fortemente organizada, um sério iminente para a sua dominação. Para combatê-lo, é necessário que todas as organizações que se desenvolveram sob o regime da democracia burguesa, e que só sob esse regime podem existir se coligam numa frente única de ferro, sobre a base de um programa mínimo comum. E isso é possível, porque mesmo as organizações que combatem o facismo sem combater o capitalismo têm interesse nessa luta. Elas sabem que a burguezia pode dominar em determinadas circunstâncias, sem o recurso ao facismo e deixando-os viver; e sabem também que, quando o facismo é o último recurso e é aplicado como "remédio heróico", mesmo a sua existência (deles, que não combatem o capitalismo) estará ameaçada.

ALGUNS ASPECTOS DA CIVILIZAÇÃO BURGUEZA

(Continuação da 2.ª pag.)

E agora vamos a coisas menos tristes:

No dia 28 deste curto mês de fevereiro celebrará-se em Vitória (Estado do Espírito Santo) o primeiro Congresso Integralista.

O conclave das camisas azetas vai ser um acontecimento de importância excepcional, destinado seguramente a figurar nos suplementos das "Efemérides" do Visconde do Rio Branco.

Não foi por um acaso que Plínio Elgodinho escolheu como sede do congresso uma cidade e um Estado de nomes tão auspiciosos e simbólicos.

Na falta da "vitória" final, outra "vitória", transitória e mais acessível será, assim, alcançada de roldão e sem necessidade de esforços descomuns.

Cada um faz aquilo que pode! Mas, com a "vitória", Plínio precisa alcançar o "espírito santo".

Nisso, o "Chefe Nacional" repete o gesto que teve Mafoma em relação à montanha: ele não espera "a primeira pomba despertada",

messenger do espírito de Deus, mas prefere ir diretamente ao pombal.

E, em véspera de sair com toda a sua corte, (os comunicados oficiais falam em "gabinete do Chefe" como falaram já em "estado maior" do mesmo) o Duce Indígena dignou-se baixar um decreto em virtude do qual na noite de 28 de fevereiro, "quando soarem as 21 horas" todos os núcleos integralistas do futuro império fascista de Santa Cruz, antes de prestar "o ritual juramento de fidelidade, ao Chefe", "conservar-se-ão de pé e em silêncio durante um minuto, concentrando o pensamento em Deus e na Patria, pedindo a Deus que inspire o Chefe Nacional".

Agora, é preciso perguntar ao dr. Pacheco e Silva, diretor do Manicômio de Juquery, que diabo está esperando para mandar recolher um louco que anda às soltas desde muito tempo e cujo estado mental vai se agravando dia a dia, de maneira verdadeiramente assustadora.

HEIMATLOS

Em síntese: a guerra é um fenômeno que se verifica sob qualquer das formas de dominação do sistema social capitalista; ao passo que o facismo é apenas uma dessas formas de dominação, que entra em luta com todas as outras.

Por tudo isso, explica-se perfeitamente uma luta antifacista, mesmo sem ter em vista, imediatamente, a derrocada da burguezia; mas, já não se explica uma campanha anti-guerreira desligada do problema dessa derrocada.

A guerra, a exploração, a prostituição, o alcoolismo, a miséria, a vadiagem, etc., são males inerentes ao crescimento e à velhice do organismo capitalista. Si queremos, sinceramente, combater esses males, o que devemos fazer é destruir o organismo apodrecido que os gerou, e não procurar torná-lo, embora com a melhor das intenções, um organismo sã. É isso a pior das utopias.

Si a Liga Anti-Alcoólica, o De

stado Anti-Guerreiro, a Cruzada Contra a Tuberculose, a Associação de Proteção aos Menores Abandonados e outras sociedades congêneres empregassem os seus esforços em procurar derrubar o regime capitalista, estariam, é claro, muito mais perto da realização dos seus objetivos aparentes.

Mas não é isso o que pedimos. Bem sabemos que todas essas organizações não ousarão ir tão longe. Existe, todavia um problema mais imediato, mais premente, que está a exigir a atenção de todos nós: é o verdadeiro problema da humanidade, da defesa dessa humanidade ameaçada pelo banditismo — é a luta contra a barbárie, é a luta contra o facismo.

Os que se recusam a essa frente única, os que procuram substituir a luta real por fórmulas utópicas e abstratas, não fazem senão limitar os vis traidores que, por esses mesmos processos entregaram o povo alemão à sanha do vândalismo hitlerista.

Livros Novos

L. TUMENEFF — História do Trabalho — Trad. de A. Blay — Edições Nosso Livro, 1934.

Uma das maiores dificuldades que se deparam no estudo da economia política no início do estudo dessa matéria reside no fato de que os seus expositores começam geralmente por explicar-lhe as teorias sem, contudo, ministrar ao leitor aqueles elementos históricos imprescindíveis para a compreensão clara do fenômeno econômico, que constitui a base para a inteligência da economia política. A obra de L. Tumeneff não se resente dessa falha, pois, antes de penetrar no domínio teórico, o autor expõe em capítulos sucessivos, o desenvolvimento econômico da sociedade humana, a começar do período pré-histórico até os nossos dias. Dessa forma, a leitura da "História do Trabalho" torna-se acessível e vantajosa, com especialidade aos que procuram conhecer o marxismo. Quanto à tradução, será conveniente proceder a uma revisão mais cuidadosa, numa próxima edição.

LEO GOOMLEWSKY — "O AMOR EM LIBERDADE" — Trad. de J. revisão de C. Galeão Coutinho — Edições "Cultura Brasileira", 1934.

O sr. C. Galeão Coutinho fez uma fraca revisão de uma fraca obra de L. Gumilevsky (e não Goomilevsky), cuja tese sobre o amor livre, pertence ao domínio das generalizações apressadas de fenômenos peculiares a uma sociedade em transição, de que é fértil a atual literatura soviética, não se sabe si por entusiasmo ou por espírito burocrático.

A capa também é uma revisão feita pelo sr. Badenes de um desenho estampado no frontespício de uma obra reacionária de J. Slezak, que leva o mesmo título, publicada pela "Editorial Gassó", de Barcelona, em 1931, em tradução castelhana do russo branco Alexis Márcov.

F. A.

campos adversos, teve que entregar-se a um dos campos facistas, o dos "helmwerhen," para poder sobreviver. Minado o seu estio internacional pelas contradições aguçadas entre os imperialismos rivais da Itália, da França e da Inglaterra, Dollfuss viu-se forçado a capitular à pressão do campo facista mais diretamente ligado a Mussolini, entrando assim na primeira fase da coligação com os facistas. A condição para o governo coligado imposta pelos "helmwehren", como um ultimatum, era arrancar à força o último reduto que ainda restava à social-democracia: a municipalidade de Viena. Dollfuss teve que obedecer, chegando a nomear um comissário do Estado para o governo de Viena, destituindo o governo comunal socialista da capital. Na linguagem jurídica tão cara a Otto Bauer, eram assim os últimos restos da constituição republicana que o Governo suprimia, não lhe restando mais outra alternativa que a da luta ou do suicídio.

A batalha se travou, pois, com um caráter decididamente defensivo. A luta foi imposta pelo adversário. A social-democracia aceitou-a quando já não lhe era possível continuar o recuo, quando já se encontrava encostada ao muro. Durante um ano, ela foi entregando todas as posições uma por uma, sem combate, no intuito de evitar o apelo às armas. A própria oposição indecisa que se formou dentro do partido austro-marxista, numa das últimas conferências deste ano passado, em resolução apresentada e não aceita, dizia: "A direção

Perspectivas internacionais da luta contra o facismo

(Continuação da 1.ª pagina)

do Partido tem evitado até agora a luta decisiva contra o facismo. Ela aceitou o golpe de violência contra o parlamento em 15 de Março, a dissolução da Liga de Proteção Republicana (Schutzbund), a criação de uma polícia auxiliar facista, a revogação do direito de greve, sob o fundamento de que a hora da decisão ainda não tinha chegado". "A cada exigência de uma reforma facista ou monarquista da Constituição, o Partido deve opôr um "não" categórico e empregar todos os meios de violência do proletariado." Este era o ponto de vista da esquerda social-democrata. Mesmo aí, vê-se que a luta se põe ainda no terreno da defesa da constituição democrata e não no terreno da conquista do poder pelo proletariado, pela sua ditadura.

Os heróicos combates travados pelo operariado austríaco não saíram nunca deste terreno. Tanto é assim que nenhuma organização de massa com caráter nitidamente de classe, como os conselhos de operários ou soviets, surgiu no decorrer do movimento. Em face da profundidade da luta, pode-se imaginar hoje que formidáveis perspectivas de triunfo não estavam latentes nas relações de forças da situação social austríaca, si outra tivesse sido a política do austro-marxismo ou si ali existisse um verdadeiro partido revolucionário. O heroísmo exaltante com que a classe operária, e até muitos

dos líderes socialistas, aceitaram a luta em condições desesperadas, mostra as possibilidades imensas que existiam para conduzir a classe operária da Austría à conquista direta do poder.

Seja como for, o proletariado austríaco mostrou que a lição terrível da Alemanha não se perdeu de todo. Apesar — do fracasso das duas internacionais, o proletariado europeu saiu da letargia em que caiu há tantos anos. Apesar de todos os erros e traições, o suicídio infamante do partido socialista alemão não se repetiu na pequena república. O resultado da batalha foi desfavorável às armas proletárias, mas uma derrota como esta não tem as monstruosas consequências da capitulação sem combate diante do inimigo. O proletariado desperta, o proletariado está e esteve sempre disposto à luta. Os bravos soldados proletários que tombaram na Austría pagaram, e com juros, o preço da destruição sem defesa e sem combate das organizações de classe do operariado alemão. O sacrifício do proletariado austríaco é um sacrifício fecundo. A derrota não é irremediável.

Pela sua resistência formidável, o próprio campo vencedor foi desagregado, aberto em fendas intransponíveis, aguçadas ainda mais as contradições e as rivalidades entre as potências imperialistas "protectoras" da independência da repúbli-

ca. A situação política no centro da Europa, tornou-se ainda mais caótica e explosiva; estamos cada vez mais perto de "agosto de 1914". A "independência" da Austría será o novo Seravejo.

A guerra civil austríaca marca o início de um novo ciclo de insurreições e de lutas armadas do proletariado europeu, que tinha ensarilhado as armas, após as convulsões do fim da guerra, desde a subida de Mussolini. Agora podemos assegurar que não veremos mais uma nova capitulação sem combate como a da Alemanha. O facismo para vencer terá que entrar numa luta de extermínio implacável e queimar o seu último cartucho. Na Alemanha o facismo subiu sem luta; tanto o P S A como o P C A suicidaram-se ingloriosamente aos pés de Hitler. Na Austría, porém, se o minúsculo P C desapareceu totalmente da cena política, o ano passado, antes dos combates decisivos, dissolvido por um simples decreto governamental e a ação isolada da polícia, a social-democracia, depois de um ano de recuos, de abandono de posições, de submissão, de traições, aceita por fim o combate, no momento trágico em que não há mais por onde escolher, entre a guerra e a morte, isto é, nas piores condições para o proletariado, e no momento ditado pelo inimigo.

Na França o desenvolvimento da luta já toma outra feição. Nesse

país imperialista que foi o último tocado pela crise mundial, e que por isso mesmo gozou até então de uma relativa tregua interna entre as classes, as primeiras escaramuças sérias entre os dois campos inimigos, a luta extravasa da arena democrática com uma acuidade formidável, e os dirigentes social-democratas são impelidos, pela massa, a deixar o seu caro e familiar pulcero parlamentar para vir para a praça pública. O proletariado francês respondeu ao pé da letra ao ataque facista. Este é um bom sintoma. A luta ali agora é que começa. A classe operária conserva ainda as suas posições intactas. Tudo depende da direção que for imprimida à sua ação. Aqui também a falência completa e a total esterilidade da política stalinista concorrem para frear e desenvolvimento da luta e o ritmo evolutivo da consciência revolucionária das massas.

A luta decisiva entre o proletariado e a burguezia se encaminha assim mundialmente para o encontro final. Por enquanto, como vimos, sob uma forma incompleta, o duelo entre o Ducismo e a democracia, mas a dialética da luta não permitirá que ela se conserve dentro destes limites. Para evitar o triunfo mundial do facismo, para impedir a guerra inter-imperialista próxima, é necessária que surja uma nova organização internacional do proletariado que saiba arrastar as massas proletárias europeias até as últimas consequências da luta antifacista a conquista do poder pela classe operária e à implantação dos Estados Unidos Socialistas Soviéticos da Europa.

25 e 26 de Janeiro

(Continuação da 1.ª página)
pois de ter organizado a ofensiva, lança as massas ao combate. O maquiagem dos revolucionários só serve à derrota da revolução.

Mas ainda aqui, é preciso desfazer mais uma afirmação completamente gratuita dos manifestos do P. C. e do C. A. G. Não houve resistência heroica por parte dos membros dessas organizações e "por bem quasi duas horas" enquanto os aderentes das outras organizações abandonavam o local, como diz o papelucho Ninguém viu isso e só a mão fê dos redatores stalinistas pode lançar mão de argumentos inventados com o maior descaro possível. Houve apenas, como narrámos, alguns exaltados que queriam morrer ou então, que queriam provocar uma chacina de operários, como poderíamos afirmar, si quizessemos usar dos mesmos métodos empregados pelos que abandonaram a luta, rondando bravatas.

Esses, em síntese, os acontecimentos do dia 25. Os antifacistas de todo o Brasil já os conhecem e si os lembramos aqui, um mês depois das ocorrências, é por termos em vista restabelecer a verdade vergonhosamente deturpada por dois manifestos lançados por organizações que perderam toda seriedade na discussão.

Sobre as ocorrências de 26 de Janeiro não há, felizmente, necessidade de referência a manifestos do P. C. ou do C. A. G., em virtude do silêncio absoluto que estas organizações mantiveram sobre o caso.

A polícia provocou os acontecimentos de 26 de Janeiro e sua manobra se caracterizou por um duplo objetivo: ataque pessoal contra alguns líderes socialistas mais destacados e fechamento de um sindicato operário, dos mais gloriosos que o proletariado do Brasil possui.

Na sede da União dos Trabalhadores Gráficos, à rua Barão de Paranapiacaba vinha tendo lugar uma série de conferências, realizando-se as mesmas todas as sextas-feiras. O conferencista do dia 26 de Janeiro, era o sr. Francisco Frola.

A polícia — que estava informada da conferência, aliás como todo o público em geral, por se tratar de uma iniciativa de ordem puramente cultural, sem o menor objetivo político e muito menos de agitação como o noticiário policial fornecido à imprensa queria dar a entender — resolveu "policiar" a rua acima, sendo colocados nas imediações da U. T. G. inúmeros inspectores das delegacias de Ordem Política e Social.

É preciso notar que, segundo consta da carta de Mário Pedrosa publicada no "Diário da Noite" de 30 de Janeiro, algumas horas antes de se iniciar a conferência do sr. Francisco Frola, chegou à sede do P. S. uma informação denunciando ter sido preparado um ataque àquele líder socialista e ao cel. Cabanas, por ocasião da conferência.

Como se verificou depois, o ataque foi efetuado precisamente pelos mantenedores da ordem destacados para "policiar" a rua.

Por volta das 20 horas, mais ou menos, chegou à porta da U. T. G. um auto, de que desceu o cel. João Cabanas. Imediatamente o inspector Cipriano Fraga — que estava postado à entrada do Bar Barsotti, vizinho à porta da U. T. G., — de revolver em punho, fez fogo contra o recém-chegado, acompanhando o gesto com os maiores palavrões dirigidos à pessoa que estava no automóvel.

O alvejado correu, célere, para o prédio da U. T. G. e fechou a porta. Pouco depois, do primeiro andar do prédio, e não do segundo, como declarou o inspector Fraga, partiu um tiro que se disse ter alvejado esse policial, afirmação que foi posta em dúvida pelos garçons do restaurante Barsotti.

"Momentos depois" — conforme

diz a carta de Mário Pedrosa — um "policial de cor preta entrou no bar e utilizava o telefone, tocando para o Gabinete de Investigações e pedindo reforço, dizendo textualmente, que "o serviço estava feito", que ele estava apertado", "que Fraga estava ferido", etc. Chogado ao local o reforço pedido, a polícia tratou logo de prender as pessoas que se encontravam na sede da U. T. G., o que foi feito na maneira mais repulsiva e brutal. O sr. Frola e mesmo a sua senhora e sua cunhada, foram brutalmente atirados para o carro presos, a empurrões, sócos e pontapés, e insultados com expressões do mais baixo calão policial.

As pessoas presas nessa ocasião, sem nota de culpa nenhuma, foram as seguintes: Francisco Frola, Aristides Lôbo, Luciano Raguna, Emilio Dupont, Luiz Videiras, secretário geral da U. T. G., José Campos, tesoureiro da mesma, Antonio Mared, Manuel Antunes, Aurelio Leme, professor da Escola XV de Novembro Julio Bernardo secretário do Curso de Madureza, João Zanotti e João Baptista Laresi.

Na polícia o inspector Fraga prestou as mais contraditórias e inabéis declarações que um mandatário de assassinatos pode prestar. Acusou um irmão do cel. Cabanas, Artúr, o qual, porém, demonstrou claramente que não se encontrava no local das ocorrências, uma vez que estava trabalhando à hora em que elas se verificaram. Ao mesmo tempo, declarou Fraga ao seu colega Hercílio Godoy Moreira que fora baleado por um indivíduo que se achava no bar próximo.

A LUTA NO NORTE DO PAIS

A força das organizações antifacistas no Norte do país continua a crescer. A tendência a repellar as investidas da demagogia integralista está se tornando dia a dia mais conciente entre as camadas exploradas, e vai tomando a forma de reação aberta entre os intelectuais que não se prostroem às exigências dos tubarões da industria e das finanças, mandantes da mentalidade e da ação dos reacionários.

Como prova do processo conciente da arregimentação das forças antifacistas, transcrevemos alguns tópicos de um apelo publicado em "Flama", de 16-1-34, órgão da mocidade académica de Fortaleza:

"Segundo estamos informados, a mocidade livre da nossa Faculdade de Direito está promovendo articulações no sentido de fundar, logo após a reabertura das aulas, a Frente Académica Antifacista, agremiação revolucionária destinada a combater desassombadamente, o facismo indigena, muito conhecido pela mentalidade francamente reacionária e policial de que é dotado. A Frente Académica Antifacista trabalhará pela criação de brigadas de choque em todos os estabelecimentos de ensino desta Capital, preparando, assim, a juventude socialista para a missão histórica que lhe é reservada: — evitar que se implante no Brasil o regimen de opressão e arrocho implantado por Mussolini, na Itália, e servilmente macaqueado por Hitler na Alemanha.

Depois de eleito o Diretório da Frente Académica Antifacista, a valorosa agremiação lançará um manifesto à mocidade LIVRE do país, no qual enfechará o seu programa de ação."

Em princípios de Fevereiro, conforme consta de "A Rua", outro jornal de Fortaleza, a Frente Académica Antifacista já estava formada, dando tomado posição no caso da agressão do dr. Sussekind Mendonça.

Pelo que se viu, o atentado foi levado a efeito por ordem emanada das autoridades superiores. Parece que o atentado devia ser consumado contra Frola, como ressaltam de certas declarações feitas por um testemunha ao "Diário da Noite" de 27 de Janeiro, e das repetidas e insistentes "visitas" de inspectores de polícia no Presídio do Paraíso, quando da estada ali do conhecido líder socialista, que embora preso, foi ameaçado e insultado, conforme a declaração de Aristides Lôbo, ao mesmo jornal.

As arbitrariedades policiais, porém, não se limitaram ao dia 26. Durante todo o dia 27, a polícia ocupou a sede da União dos Trabalhadores Gráficos, prendendo vários operários que para ali se dirigiram, como de costume. Outra arbitrariedade foi a de não entregar o inquérito à Delegacia de Segurança Pessoal, como seria normal, mas de mantê-la a cargo da Delegacia de Ordem Social, que, com a de Ordem Política são acusadas pela opinião pública de haver premeditado e executado a tocaia.

O comunicado da U. T. G., a carta de Mário Pedrosa e as declarações de Aristides Lôbo bem como os comunicados do Partido Socialista, desfizeram completamente a versão policial das ocorrências. No entanto, até hoje, a polícia nada declarou acerca do inquérito. Devido às hesitações e fraquezas do Partido Socialista, que não soube, levar avante a campanha com a energia e o desassombro que eram necessários e devido ao silêncio completo da imprensa burguesa, acumpliciada mais uma vez com o arbitrio e a brutalidade, a polícia conseguiu abafar o inquérito e fazê-lo morrer nos arquivos da chefatura. Outra instituição que se mostrou abaixo de classificação foi a justiça, que declarou prejudicado o pedido de "habeas-corpus" impetrado a favor de Francisco Frola e Aristides Lôbo. A justiça não podia com certeza, ser contra a polícia, num país em que a polícia domina a justiça.

E, por falar em silêncio, devemos referir-nos mais uma vez, a contra gosto, ao silêncio dos anti-guerreiristas, que foi igual ao dos jornais burgueses. Enquanto encontraram tempo e material para delatar injúrias contra a F. U. A., desinteressaram-se completamente das ocorrências da Rua Barão de Paranapiacaba. O silêncio, em certas ocasiões, acumplicia o silencioso ao criminoso...

25 e 26 de Janeiro de 1934 constituem, em síntese, duas extraordinárias lições para os antifacistas em geral, e para o proletariado, em particular. Que ambos tirem as lições dos fatos. Elas são claras, evidentes. Não mais necessitam de análise para serem compreendidas.

JORNALISMO ANTIFACISTA

FLAMA — Jornal Antifacista — Órgão de Acadêmicos de Direito — FORTALEZA, Ceará, N.º 1.

Recebemos o primeiro número de "FLAMA", jornal editado por um grupo de académicos de Direito em Fortaleza, que se destina a combater o integralismo, cuja infiltração nas regiões mais atrasadas do país se processa com mais rapidez do que, por exemplo, em São Paulo, et pour cause...

"Flama" adota uma posição que se nos afigura um tanto confusa. De fato, ao mesmo tempo que cita Engels, em defesa do materialismo histórico, argumenta que "o integralismo não corresponde às tradições da raça, aos costumes que nos são peculiares" como que aceitando a tese de que o facismo pode ser bom para outros povos, quando, na realidade, o facismo só é bom para uma classe, independentemente do lugar que ela ocupa

A "Revolução" as Forças Armadas e a Escola

O deputado Cincinato Braga é um homem amante das estatísticas e, como tal, muito apreziado em certas ocasiões para certos serviços. Ainda há pouco o deputado da Chapa Única analisou na Constituinte os documentos oficiais sobre a discriminação das despesas da União e chegou à conclusão de que a distribuição porcentual é a seguinte:

Trabalho Industria e Comercio	0,8%
Relações Exteriores	1,7%
Agricultura	2,1%
Justiça e Negocios Internos (afóra a policia)	2,7%
Fazenda (afóra um milhão da divida)	4,1%
Ensino e Saude Publica	6,2%
Obras Publicas e Viação	32,1%
Forças armadas (Guerra, Marinha e Policia)	50,3%
Total	100,0%

Por outro lado, o Deputado Fernandes Tavora mostrou que a despesa da União com as forças militares era de 50 % e com o ensino de 1 %. A porcentagem dos Estados é mais equitativa.

Antes de tudo, convem deixar assinalado aqui que o "anti-guerreirismo" da Chapa Única não é precisamente o das bombas sem fel, mas de quem sabe, por experiência própria, que isso de ter pela prôa um exército e uma esquadra para cuja manutenção se entrou com a sua quota de impostos não é das coisas mais justas e mais agradáveis para a burguesia de São

Paulo... E, enquanto o governo federal escapa ao seu controle, o mais prudente será clamar contra o excesso das despesas militares da União.

Mas o deputado Tavora, o "dr. Manduca", irmão do outro, o major ministro da Agricultura, descobriu uma coisa também edificante: o governo federal gasta com o ensino só 1 % das suas despesas.

A "nova república" nasceu sob o signo do solecismo: com a senha radiografada a 3 de Outubro, pelo sr. Osvaldo Aranha, "O que é que há?", interrogava, num erro de português, e posando para a posteridade o ex-futuro Mussolini do Brasil. E até a terminologia da mistica ditatorial é suficientemente equina, desde as "patas de cavalo" do sr. João Neves até aos referidos solípedes que o General Flores queria amarrar ao obelisco da Avenida Rio Branco.

É verdade que o Ministério da Educação foi obra da "Revolução". Mas para lá o ditador despachou a ignorância enciclopédica de Xico Ciência, Francisco de Campos, no século. Depois do fracassado líder dos "camisas cáqui", coube a sua herança ao dentista-estudante de direito Washington Pires, que ainda hoje representa no governo federal os manes do presidente Olegário Maciel, e reparte os bons lugares da burocracia do seu ministério pelos generos ilustres do "Brasil Novo".

Convem, contudo, para acutelar os seus interesses de família, não vá muito além do espanto natural à sua alma simples. Mesmo porque, na sua infeliz terra as professoras primárias ganham 90\$000 por mês.

na terra, e independentemente das "tradições" da raça que o adoptou. Essa posição de principio é de uma importancia enorme no programa do antifacismo, em virtude, justamente, da demagogia racista deste.

A pesar destas divergências de principio, não podemos deixar de saudar com entusiasmo o aparecimento de mais um baluarte de luta, ao lado do qual lutaremos incansavelmente contra o inimigo comum.

SOBRE A MORTE DE SANDINO

MANAGUA, 23 (E) — A morte de Augusto César Sandino, veio como reviver uma das paginas mais empolgantes da história da Nicaragua, destes últimos anos, e em que a figura do célebre caudilho, não raro, apareceu como um verdadeiro enigma. O desenrolar dos acontecimentos veio porém, demonstrar que nenhum mistério, nem idéia preconcebida havia nas suas atitudes, além do sincero interesse de libertar a sua pátria dos seus adversários. A principio surgindo como chefe dos montanhezes, intitulado-se, depois, a si mesmo, Filho de Bolívar, o general Sandino conseguiu com um modesto exército de pouco mais de mil homens pôr em cheque tropas em número mais avultado e melhor armadas e municiadas que as que possuía sob o seu comando. Conta um cronista do tempo que o exército do general Sandino era constituído de uns oitocentos homens de infantaria e de um grupo chamado a "cavalaria morazanica", constituída de um cem cavaleiros. Possuía, além disso, Sandino um batalhão de rapazes entre quatorze e dezasete anos que eram

valentes e perigosos para o inimigo.

Uma das missões desses rapazes exploradores era conhecer as posições transe de suas armas e provisões, para o que punham a prova toda a sua astúcia. A tactica de Sandino e a de seus homens era a do guerrilheiro, a única, aliás, aconselhavel, na situação em que se encontrava diante da superioridade numérica e de armamento dos invasores, e que lhe permitiu resistir durante muitos anos à conquista da Nicaragua.

Malharia Loslowski
RUA JOSE PAULINO, 80
TEL. 5-4163

«O Homem Livre»

O atraso da saída de "O HOMEM LIVRE" foi motivado pelas dificuldades — que ainda persistem — expostas aos nossos leitores em nosso último numero.

Como vêm os anti-facistas, a nossa luta apresenta, dia a dia, maiores obstáculos. No entanto, ficaremos na brecha até que nos for materialmente possível, mantendo bem alta a bandeira do antifacismo.

FESTIVAL EM BENEFICIO DE "O HOMEM LIVRE"

A fim de melhorar a situação financeira de "O HOMEM LIVRE", a administração resolveu realizar, na 1.ª quinzena de Abril, um GRANDE FESTIVAL, cujo programa está sendo cuidadosamente organizado.

Em tempo, comunicaremos aos nossos leitores os detalhes do festival.